

SHYLOCK É O MEU NOME

HOWARD JACOBSON

SHYLOCK É O MEU NOME
O Mercador de Veneza recontado

Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

Em memória de Wilbur Sanders

Não consigo explicar como é possível, em tantos anos de amizade passados a ensinar Shakespeare em conjunto, nunca termos discutido *O Mercador de Veneza*. Lamento profundamente o facto de já não o podermos fazer.

PÓRCIA: Quem é aqui o mercador e quem é o judeu?

DOGE: António e o velho Shylock, levantem-se ambos.

PÓRCIA: É Shylock o vosso nome?

SHYLOCK: Shylock é o meu nome.

O Mercador de Veneza, Ato IV, Cena 1

UM

É um daqueles dias mais-valia-estar-morto-do-que-vivo que temos no norte de Inglaterra, em fevereiro, com o espaço entre a terra e o céu uma mera ranhura de caixa de correio de luz comprimida, e o céu propriamente dito, incomensuravelmente banal. Um cenário inadequado à tragédia, mesmo aqui, onde os mortos repousam tranquilamente. Estão dois homens no cemitério, ocupados com deveres do coração. Não olham para cima. Por estas partes, é preciso combatermos o tempo se não quisermos que a farsa nos vença.

Há precisamente sinais dessa luta gravados na cara do primeiro dos enlutados, um homem de meia-idade e porte incerto, que por vezes caminha com a cabeça arrogantemente levantada e, noutras ocasiões, a baixa como se desejasse que não o vissem. Também a boca se mostra irrequieta e enganadora, os lábios contorcidos num sorriso escarninho, num instante, e, no seguinte, ligeiramente abertos, tão vulneráveis às pisaduras como a fruta no verão. É Simon Strulovitch — um filantropo rico, impetuoso e que se ofende facilmente, possuidor de entusiasmos volúveis, uma ilustre coleção de arte anglo-judaica do século xx e de Bíblias antigas, uma paixão por Shakespeare (cujos génio e aparência de sefardita destemido considerou, em

tempos, que só se poderiam explicar pelo facto de os antepassados terem mudado de nome, deixando cair o apelido Shapiro, embora agora já não tenha a certeza), doutoramentos honorários por universidades de Londres, Manchester e Telavive (o de Telavive é outra coisa, mas ele não sabe bem o quê) e uma filha a descarrilar. Veio ao cemitério examinar a lápide que foi recentemente erguida no túmulo da mãe, numa altura em que já se passaram os doze meses de luto. Durante esse período, não a chorou conscienciosamente — andou demasiado ocupado a comprar e a emprestar arte, demasiado ocupado com as fundações e as doações, ou «beneficências», como a mãe lhes chamava, com um misto de orgulho e preocupação (não queria que ele se matasse a dar dinheiro), demasiado ocupado a ajustar contas mentalmente, demasiado ocupado com a filha —, mas pretende retificar essa situação. Há sempre tempo para se ser um filho melhor.

Ou um pai melhor. Será possível que esteja, na verdade, a preparar-se para chorar a filha? Essas coisas são hereditárias. O pai tinha-o chorado momentaneamente. «*Para mim, morreste!*» E porquê? Devido à religião da noiva dele. E, no entanto, o pai não era de todo religioso.

— *Era melhor que estivesses morto aos meus pés...*

Teria sido isso de facto melhor?

Nós nunca nos fartamos da morte, pensa, arrastando os pés pelo meio das lápides não assinaladas. «Nós» — uma ideia de pertença que ele, às vezes, subscreve e, outras, não. Chegamos, felizes por estarmos vivos, transportando as nossas poses num cajado, e pomo-nos de imediato à procura de um sítio para enterrarmos os filhos que nos traem.

Talvez por causa de toda a raiva que precede tanto enterro, falta a este sítio a consolação da beleza. Nos seus tempos de estudante, quando a palavra «nós» não fazia parte do seu

vocabulário, Strulovitch escreveu um artigo a propósito de *A Ressurreição*, de Stanley Spencer, *Cookham*, enaltecendo o tumulto das sepulturas de Spencer, a transbordar de vida ansiosa, os mortos com pressa para o que vem a seguir. Mas não estamos num adro de igreja em Berkshire; estamos num cemitério dos que não têm Messias, em Gatley, no sul de Manchester, onde nada vem a seguir. Termina tudo aqui.

No chão, há restos de neve, de um negro sujo nas partes em que se aninha no granito dos túmulos. Ficará ali até ao início do verão, se o verão chegar a aparecer.

A segunda pessoa, que já aqui se encontrava muito antes de Strulovitch, dirigindo-se com ternura à ocupante de um túmulo com uma lápide tão gasta que já nada se lê nela, é Shylock, também um judeu encolerizado e tempestuoso, ainda que, neste caso, a cólera tenda mais para o sardónico do que para o volátil e a tempestuosidade diminua quando ele tem a oportunidade de desfrutar da companhia da mulher, Leah, enterrada bem debaixo da neve. Sente-se menos dividido do que Strulovitch, mas, talvez por essa mesmíssima razão, afigura-se mais divisivo. Não há duas pessoas que tenham a mesma opinião dele. Mesmo quem o despreza sem reservas, despreza-o com vários níveis de falta de reserva. Possui preocupações monetárias não partilhadas por Strulovitch, não coleciona arte nem Bíblias e tem dificuldades em ser caridoso quando as pessoas não se mostram caridosas com ele, o que alguns diriam ser uma deturpação da ideia de caridade. Em relação à filha, quanto menos se disser, melhor.

Mas não se trata de alguém que chora outrem ocasionalmente, como Strulovitch. Não é capaz de se ir embora e pensar noutra coisa. Por não ser um homem esquecido nem dado ao perdão, nunca houve nem haverá outra coisa.

Fazendo uma pausa nas suas reflexões, Strulovitch sente a presença de Shylock antes de o ver — uma pancada na nuca,

como se alguém no cemitério tivesse sido suficientemente irreverente para atirar uma bola de neve.

As palavras «Minha queridíssima Leah», largadas como bênçãos na sepultura gelada, chegam aos ouvidos de Strulovitch. Haverá muitas Leahs por aqui. A mãe de Strulovitch também se chamava Leah. Mas o nome desta Leah atrai uma tristeza imperecível que é inconfundível para Strulovitch, estudioso da mágoa de marido e da ira de pai. Leah, que comprou um anel de noivado para oferecer a Shylock. Leah, mãe de Jessica, que roubou esse anel para comprar um macaco. Jessica, o exemplo da perfídia. Shylock não se teria separado desse anel por uma selva de macacos.

Nem Strulovitch.

Portanto, «nós» sempre quer dizer alguma coisa a Strulovitch. A fé que Jessica viola é a fé *dele*.

Seja como for, essas são as únicas pistas de que Strulovitch precisa para um reconhecimento. Mostra-se pragmático quanto à ideia. Claro que Shylock está aqui, entre os mortos. Quando é que não esteve?

Aos onze anos, com um bigode precoce e irritantemente convencido da sua própria inteligência, estava a fazer compras com a mãe num grande armazém quando viu Hitler a comprar um *aftershave*.

— Rápido, Simon! — ordenou-lhe a mãe. — Vai já buscar um polícia, que eu fico aqui e não deixo que ele fuja.

Mas não houve polícia que acreditasse que Hitler estivesse no armazém, com este a acabar por escapar ao escrutínio da mãe.

Strulovitch também não tinha acreditado que Hitler estivesse no armazém. Em casa, troçou acerca disso com o pai.

— Não faltes ao respeito à tua mãe — retorquiu o pai. — Se ela disse que viu Hitler, é porque viu Hitler. O ano passado, a tua tia Annie encontrou Estaline no mercado de Stockport e, quando eu tinha a tua idade, vi Moisés a remar no lago de Heaton Park.

— Não pode ter sido — respondeu Strulovitch. — Moisés teria simplesmente separado as águas.

E essa tirada espertalhona valeu-lhe ir de castigo para o quarto.

— A não ser que fosse Noé — gritou Strulovitch do cima das escadas.

— E por essa — disse-lhe o pai — vais ficar sem comer.

Mais tarde, a mãe trouxe-lhe uma sandes furtivamente, como Rebeca teria feito por Jacob.

A versão mais velha de Strulovitch compreende melhor a imaginação judaica — por que razão não estabelece limites à cronologia ou à topografia, por que razão nunca poderá deixar o passado no passado e por que razão a mãe provavelmente viu mesmo Hitler. Não é nenhum talmudista, mas de vez em quando lê uma página de uma antologia das melhores partes, numa edição de autor. O que se passa com o Talmude é que permite a um inconformista rebelde como ele discutir com outros inconformistas rebeldes mortos há muito.

Acha o *qué*, Rabbah bar Nahmani? Pois vá-se foder!

Então, afinal de contas, sempre existe o além? E qual é que é a sua opinião, Rabi?

Afastando a mortalha, Rabbah bar Nahmani espeta o dedo do meio e retribui o gesto feio a Strulovitch.

Há muito tempo é agora e noutro sítio é aqui.

Apenas um louco arriscaria aborrecer Shylock perguntando-lhe por que razão estaria Leah sepultada entre os mortos de

Gatley. Os pormenores do enterro — os quando e os ondas — são-lhe por de mais irrelevantes. Ela está debaixo do chão, e chega. Viva, tinha estado em todo o lado para ele. Morta — como ele decidiu há muito — será igual. A girar com o mundo. Uma presença eterna, nunca longe dele, por onde quer que Shylock caminhe.

Atento e ansioso, retesado como um instrumento menor para vibrar em unísono com outro maior, Strulovitch observa sem que o vejam a observar. Se for necessário, ficará ali o dia inteiro. Pelo comportamento de Shylock — a maneira como inclina a cabeça, assentindo, e desvia o olhar, mas sem nunca olhar *para* nada, vendo de lado como uma cobra —, consegue deduzir que a conversa com Leah é absorvente e dedicada, alheada de acontecimentos externos e já não dolorosa — um diálogo afetuoso mas rápido, prosaico até. Shylock passa tanto tempo a ouvir como a falar, ponderando as coisas que ela diz, embora já a deva ter ouvido a dizê-las muitas vezes. Tem um livro de bolso na mão, enrolado como um documento jurídico ou um maço de notas de um *gangster*, e, de vez em quando, abre-o bruscamente, como se pretendesse arrancar uma página, e lê-lhe em voz baixa, tapando a boca tal como uma pessoa demasiado reservada para dar mostras de alegria sufocaria um riso. Se aquilo é um riso, pensa Strulovitch, então é um riso que teve de percorrer um longo caminho — um riso vindo do cérebro. Vem-lhe à cabeça uma expressão de Kafka (que diferença faz mais um filho infeliz neste campo de batalha pejado deles?): *um riso de alguém que não tem pulmões*. Talvez como o do próprio Kafka. E como o meu também?, interroga-se Strulovitch. Um riso demasiado fundo para os pulmões? Quanto às piadas, se o forem, são estritamente pessoais. E talvez até indecorosas.

Ele aqui sente-se em casa, ao contrário de mim, pensa Strulovitch. Em casa, no meio das lápides. Em casa, num casamento.

A diferença entre a situação de Shylock e a sua trespassa Strulovitch. O seu registo conjugal é fraco. Strulovitch e a primeira mulher fizeram da sua vida a dois um pequeno inferno. Teria sido por ela ser cristã? («*Gai in drevd*»), disse-lhe o pai quando soube que o filho estava a casar com uma não judia. «Vai para o inferno!» Mas não para um inferno qualquer, para o círculo mais abrasador, para onde vai quem casa com não judeus. E, na noite anterior ao casamento, deixou uma mensagem telefónica ainda menos ambígua: «Para mim, morreste.») O segundo casamento, dessa vez com uma filha de Abraão, razão pela qual o pai anulou a maldição e lhe chamou Lázaro ao telefone, conheceu uma pausa abrupta e entorpecedora — uma suspensão de toda e qualquer emoção, semelhante a estar à espera de uma notícia que desejamos que nunca chegue — quando a mulher sofreu um AVC no décimo quarto aniversário da filha, perdendo grande parte da fala e da memória e quando, por seu turno, ele desligou a parte de marido do coração.

Casamento! Perdemos o pai ou perdemos a mulher.

Conhece bem a autocomiseração. Leah está mais viva para Shylock do que a pobre Kay está para mim, pensa, sentindo o frio pela primeira vez naquele dia.

Ao observar Shylock, repara que este tem os músculos das costas e do pescoço contraídos. O que lhe lembra uma personagem de uma das suas bandas desenhadas preferidas, anos antes, um pugilista, ou seria um *wrestler*?, que era sempre desenhado com linhas onduladas à volta do corpo, para dar a ideia de um campo de forças. Como é que me desenhariam?, interroga-se Strulovitch. Que sinais poderiam denotar aquilo que eu estou a sentir?

*

— Imagina só — diz Shylock a Leah.

— Imagino o quê, meu amor?

— Inveja de Shylock.

Ela tem um riso mesmo encantador.

Shylock usa um casaco preto comprido, parecendo preocupado em evitar que a bainha apanhe neve, e está sentado, inclinado para a frente — mas não a ponto de enrodilhar o casaco —, num banco desdobrável, do género dos que os amantes da ópera dos condados à volta de Londres levam para Glyndebourne. Strulovitch não consegue decidir qual é a mensagem que o chapéu dele pretende passar. Se lhe tivesse perguntado, Shylock teria respondido que a ideia era aquecer-lhe a cabeça. Mas trata-se de um chapéu de veludo com uma fita — sinal de um homem consciente da sua aparência. Um chapéu de dândi, usado com uma sugestão de ameaça folgazona desmentida pela ausência de qualquer sinal ou recordação de folguedo na sua cara.

A roupa de Strulovitch é a mais sóbria, com o casaco de colecionador de arte a ondular como uma sobrepeliz e o colarinho da camisa branca como a neve abotoado até ao pescoço, sem gravata, num estilo quatrocentista contemporâneo. Shylock, com o seu ar de perigosa ausência de afabilidade, é menos etéreo e poderia ser confundido com um banqueiro ou advogado. Talvez até pudesse ser um Padrinho.

Strulovitch está satisfeito por ter vindo prestar homenagem aos restos mortais da mãe e interroga-se se a conversa

que testemunha junto ao túmulo será uma recompensa. É isso que ganhamos por sermos bons filhos? Nesse caso, deveria tê-lo experimentado mais cedo. A não ser que haja outra explicação qualquer. Será que vemos simplesmente aquilo que nos cabe ver? E, nesse caso, não vale a pena andar à procura: temos de deixar que isso venha até nós. Imagina momentaneamente que Shakespeare, cujos antepassados são capazes se calhar — para jogar pelo seguro — de ter mudado de nome e deixado cair o apelido Shapiro, também terá permitido que Shylock viesse até ele. A caminho de casa a seguir ao teatro, vendo fantasmas e escrevendo nos blocos de apontamentos, abstrai-se dele próprio o tempo suficiente para avistar António a cuspir naquela coisa abominada, um judeu.

— E esta? Um judeu! És tu, primo? — pergunta Shakespeare.

Estamos na Inglaterra isabelina *Judenfrei*. E daí a surpresa.

— Silêncio! — respondeu o judeu.

— Shylock! — exclama Shakespeare, imprudentemente. — Se não é o meu primo Shylock, chamem-me cristão!

Shapiro, Shakespeare, Shylock. Uma ligação familiar.

Strulovitch sente-se triste por ficar excluído. É simplesmente uma pena que o nome dele não tenha um *sb*.

Em todo o caso, parece evidente a Strulovitch que a receptividade é a chave e que quem andar à procura estará fadado ao insucesso. Sabe de um pitoresco cemitério judeu no Lido de Veneza — outrora abandonado, mas restaurado recentemente, de acordo com o novo espírito europeu de reparação —, um local, guardado por ciprestes, de escuridão melancólica e repentinos raios de luz cruel, ao qual um conhecido dele, fervorosamente dedicado a corrigir injustiças, fez inúmeras peregrinações, certo de que, já que Shylock nem morto seria visto no

meio dos turistas a lamber gelados no gueto de Veneza, o encontraria seguramente ali, destroçado e amargurado, deslizando por entre as lápides em ruínas, murmurando uma prece pelos seus vários mortos. Mas não teve sorte nenhuma. O grande poeta alemão Heine — um homem exatamente tão relutante como Strulovitch em utilizar a palavra «nós» e, no dia seguinte, exatamente tão apaixonado por ela — embarcou numa idêntica e sentimental «caçada onírica», também infrutífera.

Mas a caça a Shylock — com tanta coisa ainda por resolver e redimir — nunca para. Agitada, Ophelia-Jane, a mulher cristã e louca por judeus de Simon Strulovitch, apontou para ele, a descer os degraus da Ponte de Rialto a mancar, com uma mala *Louis Vuitton* falsa cheia de relógios *Dunhill* falsos, enquanto jantavam à beira do Grande Canal. Estavam em lua de mel e Ophelia-Jane queria fazer uma coisa judaicamente simpática para o novo marido. (Ele não lhe tinha contado que o pai o enterrara verbalmente na véspera do casamento. Nunca lhe contaria isso.)

— Olha, Si! — dissera ela, puxando-o pela manga. Um gesto que o tinha irritado devido aos cuidados que nutria para com a roupa. E talvez tenha sido por isso que demorou uma eternidade a acompanhar o dedo dela e que, ao olhar por fim, não viu nada.

Foi na esperança de uma segunda visita que ela o levou lá todas as restantes noites da lua de mel.

— *Oy gevalto*, estamos outra vez no Rialto — acabou por se queixar ele. Ela tapou a cara com as mãos. Achou-o mal-agradecido e pouco sério. Passados cinco dias de casamento, já detestava os ídichismos populares dele. Atenuavam a grandeza que pretendia para ambos. Veneza tinha sido ideia dela. Para o reconectar. Podia perfeitamente ter sugerido Córdoba. Tinha casado com ele para se aproximar da experiência trágica

dos hebreus, das tribulações de uma nobre raça ladina, e a única coisa que ele era capaz de fazer era dizer-lhe *oy gevalto*, fazendo-a regressar a um *shtetl* balto-eslavo malcheiroso qualquer habitado por pacóvios com cara de batata que encolhiam os ombros.

Julgou que o coração lhe parava.

— Diz-me que não fui casar com um tipo que só diz baboseiras — implorou ela enquanto voltavam para o hotel. Strulovitch sentia-a estremecer ao lado dele, como um veleiro com cinco mastros. — Diz-me que não és um engraçadinho.

Tinham chegado ao Campo Santa Maria Formosa, onde Strulovitch parou e a puxou para junto dele. Podia ter-lhe dito que a igreja tinha sido fundada em 1492, no ano em que os judeus foram expulsos de Espanha. Beija-me para fazermos as pazes, querida, podia ter-lhe dito. Beija-me para mostrar que estás arrependida. E ela tê-lo-ia feito, imaginando-o a abandonar Toledo com o seu séquito, rezando na Sinagoga Ibn Shoshan pela última vez, de porte ereto, recusando-se a fazer cedências quanto à fé. Sim, teria espetado uma estrela de batom na bela e perseguida face do marido *hidalgo* de barba negra. «Avança, meu senhor, sê corajoso, e que o Deus de Abraão e Moisés te acompanhe. Seguir-te-ei com as crianças a seu tempo.» Mas ele não lhe disse nada disso nem lhe deu essa oportunidade. Fazendo-se agressivamente de parvo, preferiu bafejar-lhe a carinha ansiosa com arenques, bolinhos de carne e sopa de beterraba, com o fatalismo de aldeias que a luz ou o conhecimento desconhecem, com as superstições débeis de *schmendricks* chamados Moishe e Mendel.

— Chaim Yankel, vendedor de fitas — disse ele, sabendo que ela não acharia graça nenhuma a um nome desses —, queixa-se ao cliente do Harrods que ele nunca lhe pede fita. «Está bem, está bem», responde o cliente, «envie-me fita que dê para esticar da ponta do seu nariz à ponta do seu pénis.» Passados quinze dias, aparecem mil caixas de fita no centro de distribuição

do Harrods. «Mas que raio de brincadeira é esta?», grita o cliente a Chaim Yankel pelo telefone. «Eu disse fita que desse para esticar da ponta do seu nariz à ponta do seu pênis, e o senhor envia-me quilómetros e quilómetros.» «A ponta do meu pênis», responde Chaim Yankel, «está na Polónia.»

Ela ficou a olhar para ele, com um ar incrédulo e horrorizado. Era mais baixa do que ele e elegante, requintada na sua delicadeza quase pueril. Os olhos, ligeiramente grandes para o seu rosto, pareciam poços escuros de perplexidade ferida. Se os fitasse, qualquer pessoa acharia, pensou Strulovitch, que ele lhe tinha acabado de dizer que alguém chegado aos dois tinha morrido.

— Como vês — disse-lhe ele, num tom apaziguador —, não tens nada com que te preocupar, não sou nenhum engraçadinho.

— Já chega — suplicou ela.

— Já chega da Polónia?

— Cala-te com a Polónia!

— O meu povo, Ophelia...

— O teu povo vem de Manchester. Isso já não é suficientemente mau para ti?

— A piada não ia funcionar se eu transferisse o final para Manchester.

— A piada já não funciona. Nenhuma das tuas piadas funciona.

— Então e aquela em que o médico diz ao Moishe Greenberg para parar de se masturbar?

O Campo Santa Maria Formosa deve ter testemunhado muitos suspiros, mas poucos tão dolorosos como o de Ophelia-Jane.

— Imploro-te — disse ela, dobrando-se praticamente ao meio. — Imploro-te de joelhos... chega de piadas sobre a tua coisa.

Afastou a palavra para longe dela como se fosse um avanço da parte de um desconhecido malcheiroso.

— Uma coisa parva não passa de um brinquedo — foi tudo o que ele se lembrou de retorquir.

— Então está na altura de parares de brincar com isso.

Strulovitch mostrou-lhe as mãos.

— Metaforicamente, Simon!

Apetecia-lhe chorar.

E a ele também.

Ela estava a caluniá-lo. A brincar, ele? Como é que ela ainda não tinha percebido que não havia no corpo dele um pingo de brincadeira?

E a *coisa* dele... porque é que ela lhe chamou isso?

E na lua de mel, para piorar as coisas.

Era uma visão geradora de lamentações e não uma coisa. O objeto de inúmeras histórias cómicas pela simples razão de não ser minimamente cómico. Citou-lhe Beumarchais:

— Apresso-me a rir de tudo com receio de poder ser obrigado a chorar.

— Tu? Chorar! Quando é que foi a última vez que choraste?

— Estou a chorar agora. Os judeus gracejam, Ophelia-Jane, por não se sentirem divertidos.

— Então eu daria um bom judeu — retorquiu ela —, porque também não me sinto.

Quando as mães veem o que fizeram aos seus meninos, o leite azeda-se-lhes no peito. O jovem Strulovitch, enquanto fazia um *slalom* pelas religiões do mundo, recebeu essa notícia numa receção ao ar livre em Oxford, organizada por um sobrinho-trineto do cardeal Newman. Quem lho disse foi uma psiquiatra bahaísta chamada Eugenia Carloff, especializada no trauma da circuncisão no seio da família.

— As mães *todas*? — perguntou ele.

Uma quantidade relevante das da sua persuasão, respondeu-lhe ela, o que explica a maneira como apapricam os filhos daí em diante. Precisam de expiar uma dupla culpa. Permitirem que se derrame sangue e sonegarem leite.

— Sonegarem leite? Está a brincar?

Strulovitch tinha a certeza de que lhe tinham dado de mamar. Às vezes, ainda sente que lhe dão de mamar.

— Todos os homens da sua persuasão julgam que foram copiosamente amamentados — explicou-lhe Eugenia Carloff.

— Está a dizer-me que eu não fui? — retorquiu ele.

Ela olhou-o de cima a baixo.

— Não lhe posso responder com toda a certeza, mas o meu palpite é que, na verdade, não foi.

— Pareço-lhe subnutrido?

— De todo.

— Carente, então?

— Carente, não, rejeitado.

— O meu pai é que fez isso.

— Ah — exclamou Eugenia Carloff, batendo ao de leve no nariz —, o que esses carrascos a que chamamos pais nos fazem não conhece fim. Primeiro, estropiam os filhos varões e, a seguir, atormentam-nos.

Confere, pensou Strulovitch. Se bem que o pai gostasse de o divertir com historietas e piadas ordinárias. E, às vezes, despenteava-o distraidamente enquanto passeavam. Referiu isso a Eugenia Carloff, que abanou a cabeça.

— Eles nunca vos amam. Verdadeiramente, não. Permanecem excluídos do eterno jogo da natividade, feito de culpa e recompensa, que iniciaram, perpetuamente impedidos de participar e zangados, tentando reparar as coisas com afeto rude e anedotas. É esse o amargo nexos que os une.

— Que une o pai e o filho?

— Que une os homens da sua persuasão, o pénis e a piada.

Não sou um homem de nenhuma persuasão, quis dizer a Eugenia Carloff. Ainda estou por persuadir. Mas, em vez disso, convidou-a para sair.

Ela riu-se às gargalhadas.

— Acha que eu me quero meter nisso tudo? — respondeu. — Acha que eu sou louca?

A pobre Ophelia-Jane, que devia ser louca, fez tudo o que lhe estava ao alcance, nos poucos anos em que estiveram juntos, para que o casamento resultasse. Mas ele acabou por ser demasiado para ela. No seu âmago, concordava com ela. Irritava e até assustava as pessoas. A culpa era das zombarias mordazes. O deleite com as ironias sobre a morte. Pertencia ou não pertencia? Era ou não era engraçado? A sua própria indecisão mortal, pela qual toda a gente que o conhecia — Ophelia-Jane mais do que qualquer outra pessoa — tinha de pagar.

— Podias ter-me simplesmente amado, sabes? — disse-lhe ela com tristeza, no dia em que concordaram divorciar-se. — Eu estava disposta a fazer tudo para que fosses feliz. Podias ter-te limitado a desfrutar da nossa vida.

Abraçou-a uma última vez e pediu-lhe desculpa.

— Nós somos assim e pronto — afirmou.

— *Nós!*

Foi a última palavra que ela disse antes de o deixar.

Havia uma pequena consolação. Eram praticamente crianças quando casaram e continuavam a ser praticamente crianças quando se separaram.

Podiam terminar tudo um com o outro e ficar ainda com vida mais do que suficiente para recomeçarem. E não tinham tido filhos — a causa de toda a insatisfação humana.

Ainda assim, o divórcio propriamente dito foi uma experiência traumatizante para ambos. E ela acabou por não se conseguir conter. Embora achasse que os judeus tinham sido difamados gravosamente, quando os papéis finais foram entregues para serem assinados, estigmatizou-os à mesma, na pessoa do marido e da maneira habitual.

— Estás contente agora que já sacaste o teu meio quilo de carne? — telefonou-lhe para lhe perguntar.

A acusação magoou-o bastante. Apesar de ainda não ser profusamente rico, tinha sido ele a trazer dinheiro para o casamento. E o que não tinha gasto nela tinha ido, mesmo naqueles anos iniciais, para causas que ela tinha apoiado e que teriam sempre o seu nome. Strulovitch achava que o acordo tinha sido mais do que generoso para a mulher. E sabia que, lá bem no fundo, ela era da mesma opinião. Mas lá estava — a nódoa antiga. Não tinha sido capaz de se conter. E, por isso, a nódoa também estava nela.

O telefone transformou-se numa víbora na mão dele. Deixou-o cair ao chão, não por estar furioso mas horrorizado.

No dia seguinte, escreveu-lhe para a informar de que, daquele dia em diante, comunicariam um com o outro apenas através dos respetivos advogados.

Mesmo após ter voltado a casar, continuou a ter uma paixão secreta por ela. Apesar da alusão ao meio quilo de carne? Interrogava-se acerca disso. Apesar ou por causa de?

Panela vigiada não ferve, mas Shylock vigiado por Strulovitch chocalha como uma panela a ferver. Não é o barulho que o incomoda mas a ansiedade, o desassossego, a perturbação neurasténica. No caso em questão, de Strulovitch. Ciente dele,

Shylock muda quase impercetivelmente de posição no banco à Glyndebourne e contorce as orelhas. Podia ser um deus felino egípcio.

— O que será de nós? — pergunta a Leah.

— De nós?

— Do nosso povo. Já ninguém nos pode ajudar.

— Toda a gente pode ser ajudada. Mostra compaixão.

— Eu não devia ter de sentir isso como compaixão. Devia senti-lo como lealdade.

— Então mostra lealdade.

— E tento fazê-lo, mas eles esgotam-me a paciência.

— Meu amor, tu não tens paciência.

— Nem eles. Sobretudo para eles próprios. Têm mais tempo para aqueles que os odeiam.

— Chiu! — diz ela.

A tragédia é que ela não lhe pode acariciar o pescoço e fazer com que as linhas onduladas desapareçam.

Quando Leah estava grávida da filha, costumava chamar Shylock e pedir-lhe para pôr a mão na barriga dela. Sentir os pontapés. Ele adorava a pessoazinha que estava lá dentro e que mal podia esperar para se juntar a eles.

Jessica, minha filha.

Agora, era a vez de Leah fazer sentir a sua presença. Um ligeiríssimo empurrão, como se uma criatura das que escavam estivesse em plena atividade no solo por baixo dele. «Bem dito, velha toupeira», pensa ele. Sabia qual era a razão daquele toquezinho. Uma das características da personalidade dele de que ela nunca tinha gostado era a crueldade em termos sociais. Provocava as pessoas. Desconcertava-as. Deixava-as à espera. Obrigava-as a irem ter com ele. E estava a fazer o mesmo com

Strulovitch, não dando a entender que sabia que ele ali estava, testando a resistência dele. E daí a incitação dela, recordando-lhe as obrigações que tinha.

Foi só quando Shylock se virou que Strulovitch reparou que ele tinha uma penugem nas faces e no queixo — mais uma nodosidade da carne do que propriamente barba. Não havia nada na cara dele que revelasse suavidade, mas a companhia da mulher tinha-lhe trazido um pouco de luz às feições, subsistindo ainda vestígios de diversão rabugenta nas rugas cruéis à volta dos olhos com que presenteou Strulovitch.

— Ah! — exclamou, fechando o livro que tinha estado a ler, voltando a enrolá-lo, e enfiando-o, com uma certa dose de lentidão, no bolso interior do casaco. — O homem em pessoa.